



## 'Turismo de risco' em busca de clique nas redes

Em vez de exibir imagens de cartões-postais, influenciadores estrangeiros em visita à cidade postam vídeos ao lado de bandidos em favelas; polícia diz que, ao posar com fuzis, eles podem ser autuados por apologia ao crime e porte ilegal de arma

BRUNA MARTINS E  
JESSICA MARQUES  
@brunamartins\_e  
@jessicamarques

O influenciador libanês Arab aproveitou a visita ao Rio esta semana para publicar uma foto ao lado do rapper americano Darren IShowSpeed. Os dois estavam na Cidade de Deus, na Zona Oeste, onde Speed fez um vídeo para seu canal no YouTube, rede com 22,3 milhões de seguidores. Enquanto fazia a gravação, ele foi surpreendido por um grupo de fãs, que fizeram uma "pegadinha" ao simular uma tentativa de assalto. "Arrisquei minha vida para fazer essa live", disse o rapper ao fim da transmissão.

Essa não é a primeira vez da dupla no Rio. Em junho do ano passado, Arab recebeu 14 mil curtidas em uma foto em que está acompanhado de dois homens armados em uma comunidade. "Fiz uma live com a gangue mais perigosa do Rio", escreveu na publicação. Ele também aparece segurando um fuzil, afirmando ter "conversado com traficantes". O encontro foi filmado e postado em seu perfil do YouTube, e chegou a mais de 2,1 milhões de visualizações.

"Eles me mostraram toda a operação, mesas abertas no mercado de drogas no meio da rua. Cortei o cabelo ao lado de um viado em cocaina. Pude entrevistá-los e ficar bem próximo", completou Arab na legenda. Procurado pelo GLOBO, o

influenciador não quis dar detalhes de sua visita.

— Gosto de todo o Brasil. Essa é minha afirmação. Fazer postagens ao lado de bandidos nas favelas do Rio está cada vez mais comum entre influenciadores, rappers e youtubers estrangeiros, que chamam a modalidade de "turismo de risco". Eles aparecem fazendo incursões, posando com traficantes ou mostrando as peculiaridades das comunidades cariocas, como se fosse um safári urbano. E com isso ainda incluem legendas em que dizem estar nos "lugares mais perigosos do mundo". É, assim, acumulam milhões de curtidas e comentários.

### UM 'DESSERVO'

Para o presidente do Sindicato de Hotéis e Meios de Hospedagem do Rio (Hotéis Rio), Alfredo Lopes, essas publicações prejudicam a imagem da cidade e incentivam a criminalidade.

— Acho que a polícia deveria investigar esse tipo de conteúdo. Eles vêm aqui e buscam esse "turismo do crime" de propósito, para viralizar. O que esses influenciadores fazem é um desserviço.

Com 192 mil seguidores no X (antigo Twitter) e 103 mil no Instagram, Arab fez outros vídeos publicados em situações parecidas. Em São Paulo, ele supostamente gravou em um catifeiro em Faria Lemos, uma das maiores favelas do país, assim como publicou imagens



Alvo de investigação, o influenciador cubano Alex Gonzalez posa com homem armado de fuzil na Mangueira

14 mil curtidas. O libanês Arab (no meio) em foto que viralizou: "Passei um dia com a gangue mais perigosa do Rio"

de uma favela na Nigéria.

Em 20 de maio do ano passado, a polícia abriu um inquérito para investigar a passagem do rapper britânico Oakley Neil, conhecido como Central Cee, no Rio. A viagem, fruto de um trabalho dele com o cantor L7non, foi compartilhada com mais de dez milhões de seguidores no Instagram, incluindo fotos e vídeos dele segurando armas na Vila do João, no Complexo da Maré, na Zona Norte. Na época, um inquérito foi aberto, mas ainda não está concluído. O rapper não foi ouvido porque deixou o país depois de fazer a publicação.

Delegado da Delegacia de Repressão a Entorpecentes (DRE), Rodrigo Coelho diz que fotos e vídeos dos influenciadores segurando armas são suficientes para se iniciar uma investigação.

— Quando a pessoa aparece ao lado de traficantes, fica difícil da gente afirmar que há crime — explica.

Em novembro, o influenciador cubano Alex Gonzalez foi alvo de investigação após postar vídeos com homens armados de fuzil na Mangueira, na Zona Norte.

— Pode acontecer de um influenciador, durante uma operação policial, se ele estiver armado, ser confundido com um traficante — acrescenta Coelho.

Os autores dos vídeos podem ser autuados, a depender do caso, por apologia ao crime, porte ilegal de arma e até consumo de drogas.

## Delegado preso ironizou morte de Marielle Franco

Em conversa no celular, no dia seguinte ao crime, Maurício Demétrio perguntou: 'A comemoração, alguém sabe onde será?'

VERA ARAÚJO  
@veraaraujo19

Conversas extraídas de um dos 12 celulares apreendidos em junho de 2021, no apartamento do delegado Maurício Demétrio, na Barra da Tijuca, quando foi preso, trouxe "manifestações inaceitáveis". A citação consta na decisão do juiz Bruno Rulière, responsável pelo processo contra o policial civil na 1ª Vara Especializada em Organização Criminosa da Comarca da Capital.

Um dia após o brutal assassinato da vereadora Marielle Franco, ocorrido em 14 de

março de 2018, Demétrio fala com ironia sobre a morte da parlamentar: "Gente, o enterro da vereadora será no Caju. Mas a comemoração, alguém sabe onde será?".

"MACACA ESCROTA E 'CRIOLA'"  
Outra frase considerada inapropriada relatada na decisão de Rulière é referente à delegada Adriana Belém. Nela, o réu usa termos racistas, chamando-a de "macaca escrota" e "criola". Nas duas situações, ele se passa em 2018, o interlocutor de Demétrio é o também delegado Allan Turnowski, na época um alto cargo na diretoria da Cede.

Na conversa sobre Marielle, Turnowski responde com três emojis de espanto. Sobre o tratamento racista contra Belém, o delegado e ex-secretário da Polícia Civil posta um ponto de interrogação, como se não entendesse o motivo da expressão preconceituosa usada por Demétrio ao citar a delegada.

De acordo com a decisão, o réu aparenta querer prejudicar Belém e pede: "Me arruma um print da Belém fazendo campanha pro País, Urgente. Postando coisa (sic)". Demétrio continua: "Falta grave. Por essa macaca na rua. Fazendo hora extra aqui, crioula escrota". Essa fala estaria relacionada ao fato, conforme o processo, de que a delegada (já estaria há muito tempo na Polícia Civil, na opinião de Demétrio).

### OUTROS CRIMES

Também há outras evidências de racismo por parte do réu, segundo a decisão. Em outra conversa, Demétrio descreve Brasil como "macacolândia". Diz ele: "Muito interessante. Aqui vemos o real sobre human and civil rights (direitos humano e civil). O discurso patético e esquerdista que vemos em macacolândia é apenas um folhetim ridículo das vivas de Fidel e de Chaves" (referindo-se aos ex-presidentes Fidel Castro, de Cuba, e Hugo Chávez, da Venezuela).

A conduta racista de Demétrio, demonstrada nas extrações das conversas dele, pesaram na condenação do delegado a nove anos de prisão por três crimes de obstrução à Justiça — embargos à investigação penal, que apura organização criminosa. O juiz Rulière determinou ainda a perda do cargo de delegado de Polícia Civil e ordenou que o dinheiro arrecadado com a venda dos veículos importados do réu fique nos cofres do estado, resguardando apenas eventual direito de vítimas.

Como houve um desmembramento da ação penal, as acusações de organização criminosa, concussões e lavagem de dinheiro ainda serão julgadas. Demétrio é apontado como chefe do bando formado por policiais civis de sua confiança, peritos, advogados e comerciantes.

Procurada, a delegada aposentada Adriana Belém disse ter tomado conhecimento da decisão pelo GLOBO:

— Vou consultar meus advogados para saber qual providência devo tomar — disse ela que, em 2022, ficou cinco meses presa suspeita de envolvimento com redes de jogos de azar.

Já o delegado Allan Turnowski disse que, orientado pelo advogado, não vem dando entrevistas. A defesa de Demétrio foi procurada, mas não retornou o contato.